

UM OHAR SENSÍVEL SOBRE O CORPO DE ATRIZES MANAUARAS

Karoline Medeiros de Araújo¹
Taciano Araripe Soares²

Resumo

Este artigo tem como foco a reflexão das relações laborais e sociais no meio artístico teatral manauara referente ao corpo feminino a partir de um relato de experiência que evidencia abuso físico e moral sofrido durante um processo de criação de personagem e das vivências de atrizes da cena de diferentes épocas. Entre provocações a respeito de processos criativos e suas metodologias dentro da sala de ensaio na maioria das vezes comandada por homens, tem-se como objetivo analisar a posição hierárquica entre atrizes e seus colegas de trabalho na perspectiva do feminismo afim de explorar situações que podem conduzir uma mulher à uma posição submissa ao homem. Utiliza-se também como base de pesquisa a autoetnografia e os estudos em gênero (FORTIN, 2009; BEAUVOIR, 1980).

Palavras-chave: Atriz, processo de criação, corpo feminino, violência.

Abstract

This article focuses on the reflection of labor and social relations in Manaus' theatrical artistic environment regarding the female body by an experience report that evidences physical and moral abuse suffered during a process of character creation and the experiences of actresses from different times. Between provocations about creative processes and their methodologies within the rehearsal room mostly run by men, we aim to analyze the hierarchical position between actresses and their co-workers from the perspective of feminism in order to explore situations that may lead a woman in a submissive position to the man. Autoethnography and gender studies are also used as a research base (FORTIN, 2009; BEAUVOIR, 1980).

Keywords: Actress, creation process, female body, violence.

¹ Discente do curso de Bacharelado em Teatro da Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: karollmedeiros@hotmail.com.

² Orientador. Professor voluntário do curso de Teatro da Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: tacianosoareshotmail.com.

1. Falar de Si como Plataforma de Escuta: Relato que movimenta

Mulher, Lésbica e Atriz. Especificamente uma atriz que nasceu a partir da necessidade de libertação dos tabus mais grosseiros com os quais podemos nos deparar quando ainda tememos conhecer o que o mundo tem a nos oferecer.

Ao longo de nossa existência inteira e em cada uma das dimensões de que ela vai se compondo, vivemos mergulhados em toda espécie de ambiente, não só humano. Proponho que consideremos o que se passa em cada um destes ambientes, e não apenas no plano visível, o mais óbvio, mas também no invisível, igualmente real, embora menos óbvio (Rolnik, 1993, p. 1).

Para compreendermos o caminho que se segue é necessário perambular pelas memórias de uma mulher em busca do sentindo real do seu corpo, presente na sua casa, nas ruas e nos palcos. Conforme a carga das experiências vividas que foram me esmagando e se introduzindo na minha consciência de maneira cada vez mais intensa não pude mais fugir de uma inquietude que grita. **NÃO!** Dizando desta forma tive a impressão de que vivi coisas absurdas e violentas durante o meu trajeto até aqui o que seria no mínimo estranho já que cresci com uma família que me apoia, pais que nunca usaram da violência física nem psicológica para me educar e que ainda por cima respeitam absolutamente a minha orientação sexual (depois do primeiro surto em relação ao que as pessoas iriam pensar da filha que até então era “perfeita” perante os seus conceitos de comportamento quando descobriram que ela é lésbica). Realmente isto é maravilhoso! Por que questionar?

Porque contestar é de extrema importância para se entender atitudes antiéticas, infames e o que também pode ser tido como criminoso. Digo isto devido a “vista grossa” que costumamos fazer diante atos desconfortáveis que uma mulher pode passar no seu meio de trabalho, neste caso na sala de ensaio. Obtendo um olhar crítico sobre as relações de poder do “masculino” pode-se entender diversas atitudes tidas como brincadeiras ou como parte de uma metodologia de criação de uma personagem como atos desrespeitosos que violam a integridade da pessoa que se torna a vítima destas ações. Se tratando de nós, mulheres, é explícita a forma com que o corpo feminino é visto, estando fortemente ligado à um contexto sexual e de natureza banalizada diante da cultura patriarcal que estamos inseridos de modo geral. Neste caso venho refletindo sobre o meio laboral do fazer e convívio social teatral da cidade de Manaus recordando experiências próprias onde me vi

como alvo de assédio moral e sexual. Entendo minhas memórias como ponto de partida para a pesquisa usando da autoetnografia a cerca de tentar entender melhor as vivências que aqui serão citadas. Partindo desta ideia entendo como contribuição o artigo da professora Sylvie Fortin no qual ela trata a pesquisa autoetnográfica como auxílio da prática artística. Segundo Fortin (2006) asseguro que de fato, se a pessoa que conduz a investigação é indissociável da produção de pesquisa, por que, então, não observar o observador? Por que não olhar a si mesmo e escrever a partir de sua própria experiência” (FORTIN, 2006, p.82).

Comecei a estudar teatro em 2009 por conta da sugestão vinda de meu pai, que se preocupava com a minha convivência social. Havia um grau preocupante de timidez. Hoje sei que na verdade eu teria que ir à terapia desde que me entendo por gente, mas compreendo a sua escolha já que naquela época era o que se podia fazer na condição financeira em que nos encontrávamos. Na época o Liceu de Artes e Ofícios Claudio Santoro abriu as vagas para os cursos de artes e meu pai partiu com o objetivo de fazer minha matrícula para aulas de desenho ou guitarra. Ambos os cursos em que eu estava interessada já se encontravam sem vagas disponíveis, com isso fui inserida na turma de teatro.

Esse período até então teria sido o mais desafiador em relação a outras passagens de ciclo em que entramos em uma profunda reflexão sobre nós mesmos. Sofri um intenso processo de amadurecimento no primeiro ano do curso de teatro tendo como instrutor o professor Daniel Mazzaro que atuou como ator e diretor em Manaus. Conseqüentemente Leonel Worton, que era frequentador do liceu, artista da cena, fez parte desta experiência como dramaturgo e assistente de direção. Com eles todo o meu encantamento com o teatro fez com que eu me sentisse completamente renovada. Soube que no ano seguinte meu professor não seria mais o mesmo e me vi desesperada porque afinal era uma menina completamente tímida na turma e me senti sem chão em não ter mais por perto dois instrutores que me apresentaram inúmeras possibilidades, que fizeram eu me sentir capaz de tudo o que eu quisesse. Tenho essa lembrança como meu primeiro obstáculo referente a escolhas, já que eu só queria desistir de tudo ao me deparar fora da zona de conforto. Graças a minha mãe, que apoia minha profissão, não tive permissão para jogar tudo para o alto.

Naquela idade as palavras dela ainda tinham poder sobre mim.

Começou meu segundo ano como estudante de teatro e dessa vez tínhamos uma professora, Amanda Paiva. Não gostei das aulas, nem da forma como ela se relacionava com as pessoas, haviam alunos na turma que já trabalhavam com teatro, todo mundo era descontraído, parecia que as piadas estavam sempre na ponta da língua. Entrei em desespero e comecei a me perguntar o que eu estava fazendo ali... fiquei perdida num meio que eu não estava acostumada, cheio de vaidades e julgamentos, socorro. Calma! Me dei conta que o problema podia ser eu também julgando outras pessoas porque eu não me aceitava, hoje sei que em boa parte da minha vida eu vivia me negando, **VIDA, VIVI ME NEGANDO** até que você começa a se perguntar por quê.? Acabou o curso e no final de tudo foi ótimo. A professora Amanda também é bailarina e muito da minha consciência corporal eu obtive com as aulas dela.

Depois da conclusão no Liceu decidi focar em formar-me no ensino médio onde soube de outro curso de teatro através de um colega da escola. Estava sendo oferecido pelo grupo de Teatro Experimental do Sesc-AM (TESC) e lá vi uma ótima oportunidade para conhecer outros trabalhos e artistas. O TESC foi um grupo muito importante para a história do teatro amazonense e brasileiro que surgiu no final dos anos 1960 e foi responsável por revolucionar a cena com seu senso crítico. Recordo que estávamos no segundo semestre de 2011, próximo das inscrições para o vestibular, aquele desespero de saber que o teatro não seria uma “boa” profissão e fiquei passeando entre as possibilidades... de psicóloga à legista, porém o teatro provocou minha existência. Conheci grandes artistas da cidade e obtive ótimos aprendizados. A vivência no TESC foi de extrema importância para a tomada de decisão do que eu queria seguir como profissão pois ali vi outras possibilidades de se ter uma carreira como atriz. Os integrantes até recebiam mensalmente com carteira assinada, achei aquilo incrível, mas ao mesmo tempo senti medo porque sabia o tanto de chão que eu ainda teria que enfrentar, medo não pela quantidade, mas pelos trajetos com os quais eu iria me deparar. Mal eu sabia que o fim do grupo estava próximo.

Fui aprovada no vestibular. Neste ano, 2011, aconteceram inúmeras coisas devido a ter ingressado na faculdade. Fiz amigos talentosos, que me inspiraram por muitas vezes

além dos professores, mais e mais perspectivas estavam como um turbilhão de coisas na minha mente com os novos horizontes que fui descobrindo no decorrer das aulas. Leonel Worton surgiu com um convite para eu participar da sua nova produção, o espetáculo infantojuvenil “Aycunã e Árvore da Sabedoria”, peça com temática indígena inspirada na cultura da tribo tikuna. Lá me vi no primeiro trabalho profissional como atriz e foi onde passei a ver e conviver com os obstáculos que uma atriz precisa enfrentar se quiser fazer teatro. Mas era tão divertido e bonito ver pessoas com talento que estão iniciando suas carreiras se mostrarem totalmente dispostas a fazer arte que ninguém reclamava quando tínhamos que limpar o chão da sala antes do ensaio ou quando passávamos horas no trânsito tentando atravessar a cidade para poder ensaiar. Éramos os atores, éramos a produção, era o que a gente tinha. De vez em quando contávamos com outros artistas para contribuir com a peça, como a primeira pessoa que foi contratada como preparador corporal.



Figura 1: Apresentação do espetáculo 'Aycunã e a árvore da Sabedoria' no XIX Festival de Teatro da Amazônia (2013).

Foto: Eduardo Klissman

Minha personagem, Aycunã, exigia que eu tivesse uma interpretação forte. Essa é uma índia escolhida pelos pajés da sua tribo para cumprir uma missão: a de partir em busca de Éware, a terra do sol para plantar as últimas sementes de água assim que ela passa pelo ritual da puberdade. Essa personagem exigia um corpo rígido e preciso, então

em meios a exercícios vinha uma voz soprar no meu ouvido “você é uma péssima atriz, você nunca vai fazer sucesso, você é ruim”.

**Poderia ser minha mente tentando me sabotar,
mas a voz era do preparador de elenco
contratado pelo diretor da peça que insistia em
ficar me rodeando dizendo falas da minha
personagem mescladas com palavras
desmotivadoras enquanto eu me alongava e me
organizava para cena.**

Senti algo ruim dessa pessoa e eu não sabia lidar com o jeito que me tratava e ele percebia disso, porém o ignorava e seguia com meu trabalho. Posteriormente fui obrigada a tomar uma posição devido ao total desrespeito com o meu corpo. Fui forçada a participar de um exercício que exigia muita força física, o que eu não poderia fazer pois estava no início de um ciclo menstrual. Nunca me senti tão mal ao ver meus colegas me puxando pelos membros do corpo gritando pra eu me esforçar pra sair dali e eles simplesmente não paravam enquanto eu pedia pra parar até que me viram realmente abalada com o que estava ocorrendo.

É orgânico e forte

Minha fonte de energia

Minha vitalidade

Gera outras energias

A que rege a natureza

A vida

O diretor não estava no local de ensaio no momento e orientou o preparador para iniciar o treinamento enquanto ele não chegava. Nesse dia meu estado ficou tão ruim que precisei ficar o restante do dia em repouso. Me perguntei várias vezes o que levou as pessoas a não me ouvirem se eu pedia tanto para parar, se eu dizia tanto não, se eles já conheciam a forma como eu trabalhava. **Durante todos esses anos até o início desta pesquisa tratei esta memória como um acontecimento inventado pela minha mente. Nem eu acreditava mais em mim, mesmo sabendo que foi real.** Felizmente o ato foi reconhecido pelo diretor como um abuso e pude continuar no processo com a condição de troca do preparador.

Essa situação me levou a questionar a relação de poder de um diretor ou provocador com atores, especialmente com atrizes já que o assédio moral e físico está muito presente nas salas de ensaio.

Considerando que sou mulher, vivo na pele a questão do assédio no meu dia a dia, todos os dias a não ser que eu fiquei um tempo em casa sozinha sem visitas e sem acesso ao que vem de fora e no meio artístico isso passou a ser muito recorrente. Desconfio que por eu ter sido uma menina retraída, ingênua e de poucas palavras seria mais tranquilo compartilhar certos comentários (**ASSÉDIO**) comigo. Lembro de um ator que fazia muito isso.

-Se eu pudesse te comia até o avesso aqui mesmo!

É triste, repugnante e além de tudo é uma pessoa de talento e importante para a cena local, assim como outro dramaturgo também relevante para nossa cultura, mas que está associado a tipos de violências contra a mulher e que diz com convicção “Sou machista”. Ao menos ele tem consciência disso. Ato como esses me deixam pensativa em relação a posição de mulheres na cena que não têm total consciência do que pode vir a ser uma agressão, como meninas que nem eu que começou a trabalhar como atriz desde os 17 anos, mas que com 14 já estava exposta para essa realidade dentro da profissão. Lembro que meu pai nunca me deixou passar a noite com pessoas do meu meio de

trabalho, aquilo me deixava indignada. Minha mãe fazia questão de ir me buscar em qualquer apresentação ou ensaio, o que fosse. Não sabia se ela desconfiava de mim ou dos outros, ou os dois já que sou atriz.

Certa vez o carro em que eu estava pegando uma carona pra casa após o ensaio quebrou. Minha mãe em um excesso de raiva e preocupação por conta das altas horas e devido minha ausência dentro de casa afirmou que eu estava me prostituindo ou me drogando. Fiquei em choque.

O quanto o entendimento da profissão atriz está relacionado com o estigma da sociedade até hoje de associar essas mulheres a profissionais do sexo em relação aos atores? As meretrizes que são relacionadas às prostitutas por serem mulheres públicas. Será que não podemos nos expor sem que isso signifique a gente deixar nosso corpo à disposição de quem quiser? Até onde o diretor pode manipular o seu corpo numa provocação de cena? Como desconfiar de homens que podem cometer algum delito dentro da sala de ensaio por achar que há poder pra isso já que estamos submetidas à entrega para compor uma personagem? Me dei conta que não falo mais sobre estruturas físicas dos espaços que muitos atores tiveram que lidar para fazer teatro, nem do comportamento geral de uma companhia, nem da falta de dinheiro para viver com dignidade e produzir peças. Estou caminhando contra uma cultura que foi construída de forma consciente na sociedade em relação a mulher. Não posso despertar todas as mulheres do mundo, mas posso provocar mulheres artistas que provocam outras pessoas com suas obras.

2. *Elas AQUI*

A partir dessas indagações reflito sobre a vivência das atrizes que me cercam. Será que elas concordam com meu pensamento? O intuito desse trabalho é investigar situações em que estas podem ter se sentido desrespeitadas, violentadas e desamparadas por serem mulheres. A fim de coletar dados para estudo etnográfico no campo teatral, proponho entrevistar atrizes de diferentes épocas que atuam em Manaus de maneira compreensiva

a fim de obter uma atmosfera leve perante a um assunto que pode se tornar delicado e envolvente.

Substitui-se progressivamente a entrevista administrada enquanto questionário por uma escuta cada vez mais atenta da pessoa que fala. A entrevista compreensiva se inscreve em uma dinâmica exatamente oposta: o entrevistador está ativamente envolvido nas questões, para provocar o envolvimento no entrevistado (Kaufmann, 1948, p. 38).

Nesta sessão será discorrido sobre o bem-estar físico e mental dessas atrizes, desde as condições corporais que se encontram quando estão em prática até se existe consequências de laboratórios durante um processo criativo ou crime. Primeiramente ao iniciar esta etapa me coloco como pesquisadora e apresento o tema em questão observando o interesse no assunto em pauta para assim conduzir a conversa de um jeito livre para que a entrevistada fale das suas questões como atriz de maneira que ela se sinta confortável e livre.

Convocar mulheres-atrizes através de relatos de experiências e suas lutas como artistas pode reverberar em uma tomada de consciência nos colegas de trabalho em geral. Diante desta incerteza busquei de forma qualitativa convidar quatro mulheres cis gênero³ que integram a cena teatral manauara em diferentes espaços e que se inseriram nessa profissão em diferentes épocas. Para atingir um parâmetro consistente busquei por atrizes que atuam profissionalmente na área teatral em fases diferentes trabalhando na cidade nos anos de 1983, 1998, 2006 e 2014 como início de carreira foi o que pude alcançar dentro do **tempo** existente para mim, afinal temos que saber lidar com as frustrações de uma pesquisa quando não se consegue cumprir com todos os objetivos da forma como você gostaria. Com isto trago relatos e opiniões de apenas quatro atrizes, mas que são suficientes para percebermos a amplitude do problema em questão. Elas concordaram em participar das entrevistas mediante a um termo que autoriza por meio de suas assinaturas o uso de seus relatos para este trabalho. Elas se doaram para uma conversa acerca das suas experiências durante o exercício da profissão de *atriz*. As entrevistas foram realizadas de forma oral e presencial e transcritas de modo fiel ao relato verbal.

³ Cisgênero é a pessoa que se reconhece como pertencendo ao gênero que foi compulsoriamente designada quando nasceu. Ou seja, nasceu com um pênis e por conta disso, foi compulsoriamente designado como homem e se reconhecem como homem; nasceu com vagina e foi compulsoriamente designada como mulher, e se reconhece como mulher.

Entrevista 01

Data: 12/10/2019. Idade: 48 anos. Profissão: Atriz. Tempo de carreira: 21 anos. Ano em que começou a prática teatral: 1998.

- **Relato sobre Machismo**

Como a gente trabalha com a cultura indígena o nu está muito presente. Meu primeiro trabalho também foi com a cultura indígena e eu sempre enfrentei isso porque tinha muita vontade de fazer teatro, não me importei em trabalhar isso em mim. Como o indivíduo que trabalhei também já trabalhava com indígenas, a convivência com eles possibilitou me soltar e observar que meu corpo é apenas isto; por exemplo, que meu peito é como meu joelho, assim como qualquer outra parte, e não são objetos sexuais. No início da montagem quando estavam definindo os personagens, sofri um certo preconceito com meu peito, pois o mesmo sempre foi grande e por estar caído. Tinha uma menina que era mais da música do que do teatro, e acabei ouvindo comentários do tipo “ai, como é que pode, como ela tem coragem de mostrar um peito assim, um peito arriado”. Passei por isso mas não liguei, no entanto isso te trava. Se eu não quisesse muito fazer acredito que eu teria me inibido com esse comentário feito de uma mulher para outra mulher. A gente nota que tem muito machismo na mente feminina, que entra em acordo com os homens e acaba satisfazendo essa vontade masculina. É muito triste porque a gente sente que não pode contar com a sensibilidade feminina, a mulher sempre vendo uma outra mulher como uma concorrente, sei lá, uma inimiga; quando na verdade, a gente pode se juntar, afirmar-se e ter mais força.

Meu primeiro trabalho me marcou muito, parecia que eu tinha sido tomada por uma magia, fiquei tão encantada com a mitologia indígena que eu queria ser índia. Risos. Depois caiu a ficha. Nessa época, eu bebia muito, tinha um namorado que bebia whisky e eu ia na onda; eu já fiz a peça doidona. Foi assim, um momento que eu tava jovem querendo experimentar tudo da vida e bebia antes da cena e dava um jeito de fazer.

Uma época eu entrei em crise, tomei umas cervejas e acabei falando com uma menina que era a figurinista; acho que estava chorando, meio deprimida e falei “ai fulana, eu não aguento mais trabalhar com esses veados, eles são muito vaidosos”. Mana eu sei que eu falei isso infelizmente só que um amigo de anos de São Paulo ficou sabendo disso, tu acredita? Aí eu fiquei meio mal. Foi uma crise de momento, mas a vaidade existe.

- **Ética (a ausência)**

É muito importante falar nisso, porque isso existe demais e ninguém fala. E a gente precisa falar para poder tentar melhorar.

E acho que é alarmante essa falta de respeito com a atriz, por mais que seja um diretor sensível. A minha relação com o ciclano acabou por uma crise de desrespeito, entendeu?

É triste você acabar com uma relação de anos porque uma pessoa não te respeitou, tipo usar termos... Eu me lembro até hoje que foi uma coisa assim “pare de se emperiquitar”, entendeu, como se estivesse dando um piti? Tipo assim, como se a mulher tá porque ta querendo ficar bonita, e também pela palavra já vir de periquita. Porque a pessoa não respeita, não fala direito e isso começou a incomodar. Todo ser humano e relação precisa ser respeitado. O artista ele tá ali para refletir, para mudar, para evoluir, e já que é um ambiente intelectual; a gente tá buscando ali evolução, conhecimento precisa ter esse respeito como base. Se você prega uma coisa e faz outra fica sem sentido.

Essas coisas de aceitar o diferente... eu fui vendo que o amor te conduz para isso.

Eu tive essa coragem, acabei com a minha relação e saí da cia X, que era minha vida; mas a maneira como foi... com muita gritaria, com muita humilhação com todo mundo, sabe? Aquilo eu disse não! Eu saí muito mal de lá, eu disse “meu deus, um lugar que sempre me acolheu e eu saí desse jeito”; mana aí meu orgulho de ser humano que ficou ferido porque eu me senti humilhada, aí eu fui por esse impulso. Se eu não tivesse ido no mesmo dia, acho que nunca teria saído. (*Lágrimas nos olhos*)

No mesmo dia que eu me vi “pô, tô muito triste, arrasada, me sentindo humilhada.

Eu fui e fiz o B.O, entendeu? E gerou um processo que a gente ficou cara a cara lá na justiça e ele teve que pagar várias cestas de alimentação para uma instituição, teve uma punição. Eu não sei se a desculpa dele foi de coração, mas ele pediu desculpa e depois de anos um dia desse eu cheguei com ele, aí eu pedi desculpas dele e me perdoou.

Eu precisava falar isso para ele também, amo ele como artista, admiro, ele sempre foi meu mestre, e eu tenho ele no meu coração; mas eu precisava fazer isso, entendeu? Porque eu via ele fazendo com muita gente e quando chegou na minha vez; não, não vai ficar assim. E olha que são pessoas que você confia, admira. Eu acho que ele deve ter

melhorado depois disso como diretor nessa questão de desrespeitar as pessoas até porque eu já tinha visto muita briga dele.

Quando foi comigo eu acho que se quebrou qualquer tipo de respeito. E eu fiquei mal durante uns 3, 4 anos, porque aquilo ali era minha vida e ficava lembrando que ainda podia estar trabalhando na cia.

Ele sempre me valorizou como artista, desde que cheguei na cia; sempre me considerou, sempre me deu papéis legais, sabe? E acreditava em mim e até brigava com as pessoas porque a atriz veterana da cia tinha muito ciúmes de mim, ela me via como uma inimiga; aí depois a gente conseguiu mudar isso. Hoje em dia a gente se ama. Mas ela me infernizou muito e o diretor sempre me protegeu e eu tinha essa consideração, esse amor por ele. Mas talvez eu também tenha sido culpada por chegar nesse ponto, entendeu? Com a minha indisciplina, com meu atraso, com minha loucura, acabei contribuindo, entendeu? Não foi só ele, aí eu vou admitindo meus pontos fracos, eu tive necessidade.

- **Julgada?**

Com certeza, eu mesma fico muito ofendida por ter colocado ele na justiça, mas eu precisava fazer porque eu já tinha visto muita coisa lá também. Não me arrependo de ter feito porque eu acho que foi a atitude de momento que eu tive que fazer.

Aí tu acabou sendo psicóloga também né mana, porque falar dessas coisas emociona porque só de lembrar né, as coisas fortes, acontecimentos. Hoje em dia eu vejo que eu fui muito corajosa, sabe?

Entrevista 02

Data: 16/10/2019. Idade: 30 anos. Profissão: Atriz. Tempo de carreira: 13 anos. Ano em que começou a prática teatral: 2006.

- **Assédio**

Sobre o tema isso é muito delicado!

Eu ouvi um podcast sobre professores de teatro assediadores. Porque a maioria deles são? Porque a maioria da gente se sente em algum momento observada de uma forma diferente, quando nosso corpo está exposto demais, com exercícios propostos que às vezes nos deixam muito expostas e o relato das atrizes é absurdo. Ouvindo os relatos delas, eu me senti... fez sentido muita coisa pra mim, do que eu já vivi de assédio. Eles

têm um diálogo, eles têm uma abordagem que é o seguinte: eu te entendo porque nós somos do teatro, então é subjetivo todo esse lado e eles acabam é transformando o discurso deles e você se sente protegida de alguma maneira. Mas nessa proteção que eles fingem te dar, você se desnuda, você se expõe e você se sujeita a essa falta de ética na proposição dos exercícios, você fica sujeita a violências simbólicas mentais e cobranças que se você tivesse sido protegida desde o começo (se você tivesse maturidade talvez, eu não sei se tem a ver com maturidade, talvez não tenha; mas pode ser que das mais novas ou mais velhas sofram isso). Eu sinceramente não sei como faz para isso parar.

Eu, recentemente, tive como experiência de uma oficina que o oficinairo, homem, branco, hétero de teatro propôs que nós nos despíssemos, ficássemos todos nus e descobrisse nossos corpos. Isso parece um exercício natural no teatro, mas ao mesmo tempo é invasivo.

Se eu dissesse não, que tipo de atriz sou eu? Eu tenho problemas com meu corpo? Não! Não é isso! Existe um limite de quem eu quero que toque no meu corpo mesmo que seja no teatro. Eu me dou muito, mas até que ponto que eu não quero dar o que é a minha intimidade, que é a minha pele, sabe? Eu também não sei, e eu tô descobrindo isso às minhas custas, sofrendo, tendo que ficar calada, tendo que pensar “meu deus, eu tô sendo profissional.. eu fui contratada, mas estou sendo profissional?” Então.. eu também não sei, mas eu também passo por isso.

- **Sobre menstruação e resistência física**

Teve uma época em que eu achava que eu tinha endometriose, a dor era tão intensa que você não consegue fazer nada, e as pessoas não conseguem entender. Acham que.. Ah, isso é frescura! E teu corpo não é frescura. Se você está dizendo que tá doendo...Para! Numa sala de ensaio eu já passei por isso. Não necessariamente por causa da menstruação, mas sobre o limite do corpo exaurido, exausto, depois de um dia de aula, um dia de briga em casa, enfim. Várias coisas se acumularam e eu cheguei no ensaio sem condições, não tenho nem voz.. “Não! Que tipo de profissional você é?”

Nosso corpo é o instrumento de trabalho, se ele ta quebrado, cansado, se ele ta com bateria fraca, é lógico que eu vou ter um desempenho diferente, mas tem que respeitar.

Eu me considero muito forte. Desconfio dessa teoria de que as mulheres são frágeis. Se a natureza fez a gente para que pudéssemos carregar outro ser e dar a luz, como é que a gente é fraca, frágil e quebradiça? Não acho que seja.

- **Classe teatral manauara**

Acho que não houve uma mudança, não na classe em si... nos homens no todo. Acho que houve uma mudança nas mulheres, elas começaram a enxergar de outra forma. “Eu vou me posicionar, você não tá me tratando do jeito que eu devo ser tratada ou que qualquer ser humano tem que ser tratado; que antigamente eu acho que a gente ficava mais calada.

Relato de uma amiga: ela fazia parte de uma cia de um diretor extremamente opressivo, muito, daqui talvez o mais opressivo e ela tinha uma dificuldade de entender a personagem e ele disse para ela que ele podia transar com ela porque ela era virgem, então ela não tinha a força que uma periquita tinha que ter em cena. “Se você quiser eu quebro seu galho para ti transcender como atriz”.

Na época ela apenas se retirou sem olhar para trás. Se sentiu humilhada. Mas se fosse hoje, com certeza, ele iria sair sem um dente, com um boletim de ocorrência ou com um relato na internet. Eu vejo a consciência nas mulheres, de que elas, precisam falar e dizer não! Que elas precisam contar umas com as outras. Quando aconteceu uma situação com uma atriz que não suportou a forma como estava sendo tratada em um dos trabalhos a minha colega veio comigo: “olha, nos somos as duas mulheres que deveriam estar apoiando ela”. Eu tava omissa! Eu fui omissa. Na minha cabeça “bom, eu estou contratada para fazer meu trabalho, não é comigo, então achei que minha ética de trabalho impedia de eu defender”. A minha amiga falou: “de jeito nenhum ou você fala, eu falo, a gente tem que fazer alguma coisa e no ensaio seguinte falei tudo o que tava errado.

Entrevista 03

Data: 17/10/2019. Idade: 70 anos. Profissão: Atriz. Tempo de carreira: 35 anos. Ano em que começou a prática teatral: 1983.

- **Uma voz direta e potente sobre experiências**

Um dia ou outro, quem faz teatro se depara com essas situações. Esse é o problema do “Teatro”, é achar que algumas atitudes da pessoa, pode ser ator ou atriz, é frescura.

Numa situação que nem a sua, você pedir pra parar é uma atitude de frescura na cabeça de outras pessoas, com certeza! Na realidade Karol, na profissão da gente, as condutas humanas elas se diferenciam, as posturas se diferenciam das demais profissões. Claro, que se tem um abusador, não é o fato de ele ter talento ou ser um bom ator que ele vai deixar de ser abusador. Ou abusadora. Eu vejo isso dos dois lados viu? Não é só essa coisa do macho. É uma coisa que sempre me preocupou muito, esse excesso de narcisismo que nós atores, nós artistas temos. É lógico que a gente precisa desse narcisismo. Se a gente não tiver a gente não é artista, mas a gente tem que ser cuidado com isso. Cuidar o narcisismo pra ele não ser exacerbado e não acontecerem certas situações. É lógico que se me perguntarem se eu já passei por algumas situações... Já. Mas assim, eu comecei a fazer teatro eu era uma menininha de três aninhos que não sabia ler. A minha mãe lia e falava o texto pra eu decorar e aí depois eu fui até a pré adolescência e parei. Fui voltar ao teatro quando eu tinha 36 anos e aí eu me dediquei completamente ao teatro, hoje em dia eu sou a louca do teatro. Então, pelo fato de eu chegar nesse processo profissional, estar trabalhando com as pessoas já sendo mulher adulta eu acho que isso inibiu o abuso em relação a mim. É diferente de uma adolescente, de uma jovenzinha como você, é diferente. Até porque a gente sabe quando que tem diretores e diretoras que te olham de cima pra baixo sempre e que te olham muitas vezes com... o olhar é de “tô vendo uma carniça aí embaixo”. Isso existe, agora assim, não é a minha realidade. Não é a minha realidade porque como eu tô te dizendo. Eu já não abria mais um espaço pra esse tipo de conduta entendeu?

- **Visão sobre a classe teatral**

Vou voltar a usar aquela palavra! Há de ter cuidado com o narcisismo que mora na gente. gente tem que embala-lo, tem que acaricia-lo, mas também tem que dar umas palmadas. Eu fico muito preocupada quando eu vejo pessoas muito jovens se achando o máximo. Ninguém é o máximo!

O limite é sempre teu, não é o do outro. Eu sei de mim, eu sei até onde posso suportar. Se eu não puder suportar além do que estão me cobrando, a mais, eu vou dizer: Esse é meu limite. Pode ser que amanhã mude, mas existe um limite e o imite é sempre da pessoa, sabe? Eu posso falar como mulher, principalmente como mulher. Não violente! Eu sou dedicada, eu sou responsável, eu sou disciplinada, mas eu tenho um limite e esse limite tem que ser respeitado. Todo mundo tem um.

Entrevistada 04

Data: 18/10/2019. Idade: 26 anos. Profissão: Atriz. Tempo de carreira: 5 anos. Ano em que começou a prática teatral: 2014.

- **Valorização social da profissão**

Nossa gente, tem muitas coisas. Eu acho que é muito da escolha né, também. Saber que a nossa profissão tem uma instabilidade financeira e como é que você lida com isso. Enquanto atriz eu sempre me pego refletindo sobre isso e atualmente assim mais sobre as questões de abuso mesmo, de assédio... de que maneira a gente consegue dizer não sabe? Pra certas coisas, pra certas... Até brinco assim porque eu tenho um primo de sete anos que quando a gente diz alguma coisa e ele fala “para!” eu acho legal porque quando a gente numa idade adulta e alguém tenta falar alguma coisa pra gente, pelo menos, no caso de uma mulher né a gente não diz “para!”. agente diz “vai passar”, tipo, eu vou aguentar aqui entendeu? Ou então “ah, isso é brincadeira, sabe? Então acho que hoje o “eu atriz” tá mais consciente do quê que é um abuso, o que tá sendo abusivo no meu trabalho ou do que é um assédio. Hoje sei que estou muito mais consciente do que uns três anos atrás. Por quê acho que é uma linha muito tênue assim, quando você fala sobre o processo de criação, até onde vai o limite do diretor e até onde começam os nossos direitos, o nosso espaço. Quando você tá começando você não tem a mínima noção disso. Você quer fazer tudo, você tá disposta, você tá ali disponível pro que der e vier.

Mas assim, pelo menos no grupo que eu integro sempre foi muito profissional, assim, nunca fui assediada, por exemplo, por nenhum colega, por nenhuma colega também. As minhas relações foram sempre de boa, foram relações bem profissionais. Eu acho que a gente tem algumas limitações também, tipo, enquanto ao corpo, mas eu fui tendo consciência do que que é meu corpo, do que realmente eu quero mostrar e do que eu não quero. Ou então quê que é vaidade? Eu não quero mostrar por que? Eu acho que essas coisas, essas perguntas, elas precisam ser respondidas e elas precisam ser respondidas logo! Num processo de criação onde você não quer mostrar seu seio... Por que que você não quer mostrar seu seio? Você não quer mostrar por vaidade ou porque você não se sente confortável? E aí é que entra esse limite sabe? Do diretor. Até que ponto ele consegue encontrar caminhos pra te deixar de boa. Por exemplo, uma vez eu tive que cortar o cabelo. Eu pensei, cara, isso é o de menos mas é que tudo já tava tão intrínseco sabe aquilo e tudo já tava tão dentro de mim que eu falei “cara, é só mais um detalhe,

então não existe isso sabe? A questão da nudez também pra mim não foi uma coisa muito de processo mesmo e aos poucos todo mundo tava muito entregue ao processo.

- **Sobre menstruação**

Quando você fala da menstruação no processo, é muito louco isso, porque também aconteceu durante outra montagem que eu ficava nua e o figurino era branco. Aí eu “gente, como é que faz?” Aí entra a questão da virgindade também que na época eu era virgem e aí eu não podia usar *o.b* ou podia e aí eu ficava nisso. Tem todas essas questões assim. Como é que faz? Aí tinha a estética do figurino e não podia usar calcinha... até que a figurinista cedeu. Pode ser uma questão de acordo também. Como é que você chega pra conversar com a técnica ou com a figurinista, cenógrafo ou até mesmo o diretor porque pelo menos particularmente senti muita dificuldade, assim, de colocar meus limites. Ou então de conversar sobre o que me incomoda. Até hoje eu ainda tenho um pouco de dificuldade. Então eu acho que a gente precisa o quanto antes entender o feminismo e o quanto ele é importante e entender de que maneira funciona também no teatro.

3. Que Manaus é essa: A cena local desenhada a partir das experiências de atrizes

Com base no entendimento que as entrevistadas tiveram sobre sua trajetória, com minha observação quanto pesquisadora junto com a revisão da minha própria vivência convoco uma reflexão acerca da nossa classe artística manauara com o intuito de revelar a essência que esta classe respira. Que cena teatral é essa?

Ao longo da investigação pude perceber algumas pretensões que estavam intrínsecas em mim. De certa forma eu já esperava ouvir durante as entrevistas vários tipos de abusos físicos e morais partidas de homens por estar lidando com mulheres, porém, realmente nem tudo o que ocorre com uma pessoa é perceptível como agressão dependendo da sua percepção diante dos fatos. Além de que nem todas as agressões foram provocadas por homens, o que é mais uma evidência de como a cultura do machismo pode estar presente nas mulheres também de forma hostil. Claro que ocorreram violências, mas a problemática vai além de uma agressão explícita, principalmente se tratando da realização de trabalho artístico, onde a subjetividade entra como uma ferramenta de camuflagem diante das vítimas.

A forma como a pesquisa verbal foi conduzida permitiu que as entrevistadas falassem de maneira livre as suas opiniões diante do tema apresentado. Depois desta busca por pontos de vista e experiências a respeito dos corpos de algumas mulheres do teatro percebo que realmente esta é uma discussão nova quando colocada no contexto do exercício da nossa profissão. Pensar que existem dúvidas em relação a como desviar de ocorrências de diversos abusos ou que a única saída visível depende da mulher que está sendo oprimida é preocupante.

Uma observação em comum nas falas de todas as mulheres entrevistadas é justamente sobre a capacidade de imposição diante de alguma atitude desrespeitosa ou violenta como mecanismo de defesa e que talvez isso tenha a ver com maturidade. Quando indagadas sobre o limite do diretor, que na maioria das vezes é o responsável pelas provocações de construção da personagem, todas citaram a capacidade de se impor, de saber o seu limite, de se conhecer tanto de forma física quanto psicológica e moral. Sobre pensar qual seria o limite ético durante o exercício da profissão de *atriz*. Essa resposta pode ter vindo à tona não por elas acharem que seria o certo a se fazer ou o justo a acontecer, mas sim porque foi a forma na qual elas encontraram de se defender e conseguir conviver no seu ambiente de trabalho. Aliás, uma questão importante a ser pensada é: se o local de trabalho não respeita a integridade de uma atriz não seria mais saudável ela se retirar do processo de montagem e preservar a sua saúde? Ou o ideal poderia ser simplesmente não haver esse tipo de conflito que venha a prejudicar seu modo de vida. Essa é uma questão bastante complexa que não depende apenas da atitude diante destes acontecimentos pois existem muitas questões falhas no exercício do teatro como profissão. As falhas de regularização do teatro em termos legais de uma profissão implicam na dependência destes trabalhos para enriquecimento profissional e estabilidade financeira, que é quase uma utopia para quem pretende viver de arte no Amazonas sendo este um tema que demanda uma pesquisa direta e urgente na qual não cabe aqui. Ou seja, pode acontecer de existir uma sujeição ao ambiente de trabalho tanto por dependência laboral quanto pela incapacidade de se defender diante de atitudes que não se relacionam com ética.

Na entrevista 02 quando perguntada sobre tipos de violência, surgiu uma frase exatamente como uma das que me instigaram para a realização desta pesquisa. *Eu sinceramente não sei como faz para isso parar*. Quando pensava nisso surgia um sentimento de impotência, como se fosse impossível reverter essa situação. Daí a

importância do movimento feminista como uma política de afirmação coletiva mundial, movimento este que venho estudando cada vez mais para obter conhecimento sobre a raiz da visão sobre a mulher como é hoje socialmente.

A autonomia e a integridade do corpo das mulheres é essencial à sua libertação. O corpo das mulheres tem sido utilizado como um campo de disputa do poder masculino, tem sido considerado uma propriedade, uma forma de obter recursos laborais, sexuais e reprodutivos. Essa apropriação se desdobra de diversas formas. Assim que reconhecemos que todas essas formas constituem violência masculina sobre as mulheres, podemos dizer que o feminismo radical foca sua análise do corpo como um local primário em que se situa a opressão das mulheres, de forma que se deve enfatizar a necessidade de uma política que rompa com as condições dessa apropriação, e essa deve ser uma tarefa empreendida pelo feminismo. É uma política das mulheres para as mulheres (Coletivo Manas Chicas, 2013).

Venho através deste trabalho provocar o leitor diante deste tema que necessita ser explorado para que haja engajamento acadêmico diante de agressões graves consideradas “frescuras” ou “besteiras” diante da reação e consequência deixada na vítima. Precisamos entender definitivamente que uma pessoa violada não tem responsabilidade sobre o ato de um agressor e que isto é uma discussão urgente em vários campos sociais, inclusive dentro da academia.

Quando falamos de uma mulher estamos falando de um ser humano que é condicionado e treinando inconscientemente por uma cultura que a molda de maneira enraizada. Não é simples se impor diante de uma violência normalizada. Não é simples se defender diante de alguém aparentemente mais forte. Não é simples falar sobre algo quando se tem certeza de que você está errada, mesmo não estando. O teatro não precisa ser abusivo e é através desta arte que podemos buscar soluções para problemas que atingem a humanidade das pessoas.

Referências Bibliográficas

A NECESSIDADE DE RETORNAR AO CORPO E AO FEMINISMO RADICAL. Site do Coletivo Manas Chicas, julho de 2013. Disponível em: <<https://manaschicas.wordpress.com/2013/07/31/a-necessidade-de-retornar-ao-corpo-e-o-feminismo-radical/>>. Acesso em 08 de setembro de 2019.

FORTIN, Sylvie. Contribuições possíveis da etnografia e da autoetnografia para a pesquisa na prática artística. **Revista Cena**, Porto Alegre, n. 7, fevereiro 2009, Editora: UFRGS, p. 85-95.

SALLES, Cecília. *Gesto Inacabado: Processo de Criação Artística*. São Paulo, Fapesp. Editora: Annablume, 1998.